

CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SER JOVEM E SER ESTUDANTE NA TRAVESSIA PELO ENSINO SUPERIOR

Autor: Gisele Rogéria Penatieri Ribeiro; Co-autor(1): Edilene Dayse Araújo da Silva
Orientador: Prof^o. Dr^o. Adir Luiz Ferreira

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), giselepenatieri@gmail.com)

Resumo: O trabalho analisa os principais aspectos que permeiam a relação entre ser jovem e ser estudante acadêmico de jovens graduandos do IFRN. O que se verifica é que o processo de expansão do Ensino Superior trouxe uma nova composição do público acadêmico o que representa um campo de análise em que se precisa avançar. A investigação amplia olhares que vão além do papel unilateral de estudante, ao articular a condição juvenil à condição estudantil. O aporte teórico se atrela à sociologia da educação e da juventude. Está fundamentado epistemologicamente pelo “olhar” fenomenológico, com embasamento na etnometodologia. Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, cujo trabalho de campo se concretizou com técnicas e instrumentos variados que proporcionaram um arranjo flexível entre a observação; a aplicação de questionários; as entrevistas individuais; as fotografias e os depoimentos. Partindo do entendimento de que a condição juvenil se entrelaça a outros contextos de vida do jovem, em relevo a condição de ser estudante, algumas categorias foram delineadas para aprofundamento, a saber: a temporalidade; a linguagem; a afetividade e a espacialidade. Os resultados sobre a caracterização da condição juvenil e estudantil, permitiram-nos conhecer os jovens estudantes investigados. A apresentação das discussões das categorias, ainda que de forma geral, possibilita-nos propor uma explicação que defende que os aspectos da condição juvenil e estudantil passam por variados movimentos de transformações, quando do acesso do sujeito ao Ensino Superior. Assim, tendo como um dos pressupostos de que a condição estudantil é uma das faces da condição juvenil, e que ambas se interpenetram, buscamos a compreensão multifatorial voltada à condição do jovem estudante.

Palavras-chave: condição juvenil; condição estudantil; Ensino Superior.

INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DO ESTUDO

A partir dos anos 2000, verificamos no Ensino Superior, um significativo processo de expansão e, posteriormente, um singular fluxo de interiorização. Observamos uma maior quantidade e diversidade no que se refere aos “novos” jovens estudantes acadêmicos, havendo, ainda, necessidade de investigações que foquem “olhares” aos “novos sujeitos” e sobre como estão vivenciando a travessia pela Academia (Carrano, 2009).

Nessa perspectiva, este artigo, oriundo de trabalho de doutoramento no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, parte do processo de universalização da Educação Básica, como um dos aspectos que impulsionou a expansão do Ensino Superior no Brasil, foca-se na singularidade da interiorização desse nível de ensino e dá visibilidade à investigação junto aos sujeitos que estão cursando a graduação, em sua interface entre ser jovem e ser estudante acadêmico.

Vale enfatizar, a importância de estudos que enfoquem a expansão e interiorização da graduação pública no Brasil e as vivências neste nível de ensino em outros espaços/tempos que

não o tradicional ambiente da Universidade. No que se refere às juventudes, há ainda uma predominância de investigações sobre a vida de jovens em grandes metrópoles, sendo importante levar em consideração as condições de vida dos jovens em pequenas e médias cidades, longe dos grandes centros urbanos e das zonas rurais (Sposito, 2006).

Diante do breve contexto, a pesquisa é pertinente à temática que relaciona as juventudes e a Educação Superior e ao objeto de estudo que investigará as relações entre ser jovem e ser estudante a partir das vivências de graduandos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), baseando-se nos aspectos da condição juvenil e estudantil.

Ao situarmos o contexto educacional do Ensino Superior no Brasil, sobretudo no recorte temporal a partir dos anos 2000, verificamos um processo de ampliação quanto ao número de vagas, expansão da oferta, com uma peculiar interiorização, bem como uma maior diversificação do público atendido. Também sobre o crescimento das matrículas na Educação Superior no Brasil, Ferreira (2016) aponta que, de menos de 4 milhões em 2003 passou para 7,3 milhões em 2013. Apesar do claro aumento no alcance da Educação Superior, o autor também ratifica o fato de que o maior crescimento se deu pelo avanço dos estabelecimentos privados e que o percentual da população de 18-24 anos que frequentava o Ensino Superior em 2013 era de 3,7 milhões (cerca de 16,5%), segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o que significava que 83,5% da juventude brasileira na idade, teoricamente adequada, para cursar esse nível de ensino (22,7 milhões de pessoas) continuava sem acesso à Educação Superior.

Assim, buscamos ampliar as reflexões sobre como estão sendo vivenciadas as travessias pelo Ensino Superior, articuladas às necessidades dos jovens e frente às atuais demandas da sociedade. É, portanto, acreditando que o atual contexto da realidade da Educação Superior no país precisa ser melhor compreendido, e que um estudo, cuja lente analítica busque articular o ser jovem ao ser estudante acadêmico, poderá contribuir para a ampliação e desdobramentos das discussões, que empenhamos esforços para o desenvolvimento deste trabalho.

Apresentamos como panorama de sujeitos e lócus, respectivamente, os jovens estudantes da Educação Superior, de uma Instituição que está situada no interior do estado do Rio Grande do Norte: o Campus Ipanguaçu do IFRN. Trata-se de instituição que atende a um público, em sua maioria, jovem e oriundo de pequenas e médias cidades afastadas da capital do estado e, por ser um Instituto Federal, abarca a verticalização do Ensino, ofertando desde o Ensino Médio Integrado; a Educação de Jovens e Adultos até os Ensinos de Graduação e Pós-graduação. Acreditamos que esses e outros elementos trazem singularidades às análises e discussões.

São diversos e múltiplos olhares que podem ser direcionados ao objeto de estudo: a relação entre ser jovem e ser estudante acadêmico. A proposta da pesquisa conferiu visibilidade à escuta e observação das vivências de sujeitos jovens, estudantes acadêmicos (licenciandos), do Campus Ipanguaçu, do IFRN, conforme explicitado.

Nesse breve cenário, como objetivo geral, pretendemos *compreender a relação entre ser jovem (condição juvenil) e ser graduando (condição estudantil), a partir das vivências de graduandos/as do IFRN-Campus Ipanguaçu.*

METODOLOGIA

A pesquisa tem como fundamentação teórico-epistemológica-metodológica a Sociologia da Educação e da Juventude, embasando-se, também, na Fenomenologia e na Etnometodologia. Trata-se de estudo com abordagem metodológica de base predominantemente qualitativa (os dados quantificados, apresentam-se como subsidiadores à análise qualitativa), que, como destaca André (1995), é pertinente e apresenta um grande potencial para o estudo das questões da educação. Moreira (2002) ao abordar as perspectivas da pesquisa qualitativa em educação aponta que:

(...) o pesquisador qualitativo deseja que as pessoas que estão participando do estudo falem por si próprias para proporcionar suas perspectivas em palavras e em ações. Portanto, a pesquisa é um processo interativo no qual o pesquisador apreende o significado que os participantes dão aos eventos e as suas ações (p. 237).

Complementa ainda esse autor enunciando que a pesquisa qualitativa é descritiva, mas acima de tudo interpretativa, isto significa que os pesquisadores estudam os fenômenos em seu ambiente natural, procurando fazer sentido ou interpretá-los em termos de significado que as pessoas dão a eles (MOREIRA, 2002, p. 238).

Quanto ao lócus da investigação, alguns critérios foram observados, a saber: atender ao ensino superior; ter um quantitativo significativo de jovens na faixa etária de 18 a 29 anos que estão cursando o ensino superior; ter estudantes que estejam distribuídos em variados períodos da graduação; estar situada em região interior à Capital do Rio Grande do Norte. Vale lembrar que a faixa etária delineada pelo Estatuto da Juventude (2013) abarca as idades de jovens entre 15 a 29 anos, seguindo a tendência internacional. Assim, podem ser considerados jovens os adolescentes-jovens (entre 15 e 17 anos), os jovens-jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e os jovens adultos (faixa-etária dos 25 aos 29 anos).

Verificou-se que o Campus Ipanguaçu do IFRN, cumpria os critérios delineados. Dentre os critérios elencados, vale ressaltar o fato do Campus se situar em região interior no estado do

RN, o que traz idiossincrasia ao estudo que se volta para aspectos de expansão e interiorização do ensino superior no Brasil. Alia-se a esse critério, o fato do quantitativo de 2 cursos de Licenciaturas diferentes (Química – oferta à tarde e noite e Informática – oferta noturna), com períodos que vão do primeiro ao último, o que trouxe realidades diversas referentes às turmas, bem como diversidade quanto aos percursos acadêmicos.

Os participantes convidados como sujeitos da pesquisa foram jovens acadêmicos que compuseram um universo de 118 licenciandos que responderam, voluntariamente, a um questionário em uma realidade de 141 matriculados nos dois cursos superiores de licenciatura ofertados no referido Campus. Elegemos, a partir de critérios descritos mais adiante, uma amostra de 08 jovens estudantes acadêmicos que foram entrevistados individualmente, em profundidade. Houve, ainda, o uso do diário de campo para as observações participantes e uso da fotografia e dos depoimentos sobre as vivências retratadas, por vezes, pelos próprios sujeitos.

Assim, efetuamos a coleta de dados por meio das seguintes técnicas e instrumentos, de forma geral: aplicação de questionários com perguntas fechadas e semiabertas; entrevistas, utilizando roteiro semiestruturado; observação participante passiva; uso da fotografia e coleta de depoimentos.

Para as entrevistas individuais, elegemos critérios para escolha dos estudantes, assim a amostra significativa contemplou perfis representativos das seguintes características eleitas e em quantidades equilibradas: a) estudantes concluintes, iniciantes e intermediários; b) estudantes de ambos os cursos; c) estudantes dos dois sexos; d) estudantes com idades diversas entre 18 e 29 anos; e) estudantes que trabalham e que não trabalham; f) estudantes com perfis socioeconômicos diferentes (classe popular e média); g) estudantes com desempenho acadêmico diferentes (que apresentaram ou não reprovações). A partir desse panorama, foram entrevistados 04 estudantes de cada curso, de 05 períodos diferentes, entre os que responderam ao questionário, totalizando 08 entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1) Conhecendo a condição juvenil e condição estudantil:

Os estudos sobre as imagens sociais sobre a juventude demonstram que o olhar das instituições e do mundo adulto sobre os(as) jovens apresenta um caráter ambivalente: são considerados como ameaça à ordem social; mas também como promessa de uma nova ordem (LEVI e SCHIMITT, 1996).

Braslavski, citada por Margulis (1996), sustenta que:

(...) há vários mitos sobre a juventude: 1) “a manifestação dourada” por meio da qual se identifica todos os jovens com os “privilegiados” – despreocupados ou militantes em defesa de seus privilégios – com os indivíduos que possuem tempo livre, que desfrutam do ócio e de uma “moratória social” que lhes permite viver sem angústias nem responsabilidades; 2) “a interpretação da juventude cinza”, na qual os jovens aparecem como depositários de todos os males, o segmento da população mais afetado pela crise, pela sociedade autoritária, que seria a maioria entre os desocupados, os delinquentes, os pobres, os apáticos, “a desgraça e a ressaca da sociedade”; e por último 3) “a juventude branca”, ou os personagens maravilhosos e puros que salvariam a humanidade, que faria o que não fizeram seus pais, participativos, éticos, etc (MARGULIS, 1996, p. 14).

Assim, a juventude é ora vista de forma positiva, sendo apontada como o *futuro da nação*, ora é vista como problema social. A visão dos(as) jovens como problema social é uma ideia que ainda se faz presente, conforme nos aponta Camacho (2004):

(...) são considerados como “problemas sociais” porque estão envolvidos em problemas de inserção profissional, em problemas de drogas, em problemas de violência, em problemas de delinquência, em problemas com a escola, em problemas com os pais, em problemas de gravidez precoce, dentre tantos outros reconhecidos socialmente como sendo juvenis (p.331).

Diante do quadro das imagens sociais construídas em torno da juventude é importante ressaltar o perseverante exercício de análise sociológica sobre as possíveis imagens da juventude, que aponta que, seja uma ou outra visão, tratam-se de versões da juventude que devem ser constantemente reavaliadas, questionadas e problematizadas.

Categoria social e historicamente construída, a juventude nem sempre foi reconhecida na sua complexidade, engendrada pelas dimensões simbólicas, factuais, materiais, históricas e políticas. Emerge como tema para a sociologia como um fenômeno da modernidade, na passagem do século XIX para o século XX. No âmbito das Ciências Sociais, não alcançou centralidade nas discussões e indagações sistemáticas, suscitando interesse apenas em momentos nos quais os jovens se fizeram visíveis por suas manifestações e atitudes críticas e desafiadoras frente às instituições sociais (ISLAS, 2008).

Conforme Abramo (1994), o interesse da sociologia pela juventude se deu “na medida em que determinados setores juvenis pareciam problematizar o processo de transmissão das normas sociais, ou seja, quando se tornam visíveis jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam estar submetidos” (p.08). O contraste das formas de expressão e manifestação da juventude com os padrões da ordem social vigente constituiu a força propulsora do interesse acadêmico por este grupo social, trazendo como

preocupação precípua da sociologia a relação da juventude com a continuidade ou mudança social (ABRAMO, 1994).

Se o entendimento sobre a juventude é pautado por perspectivas histórico-culturais, conforme apontado nos pressupostos teóricos deste trabalho, pautamo-nos em Camacho (2000) para afirmar que não existe uma juventude única e homogênea. A autora afirma que:

A história do mundo indica que não existe uma juventude única. As juventudes se diferenciam ao longo do tempo e também no interior de um mesmo período histórico. Há a diferenciação social (...). Portanto, o que existe são histórias de juventude e, sobretudo, jovens inseridos em uma teia de relações sociais específicas e vinculadas a contextos e momentos históricos distintos (p.23-24).

Essa visão de juventude se apresenta, historicamente no século XIX, quando, entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o prolongamento – com os consequentes *problemas sociais* daí derivados, dentre eles o prolongamento da escolaridade, *dos tempos de passagem que hoje em dia continuam a caracterizar a juventude, quando aparece referida a uma fase de vida* (PAIS, 1993, p. 33).

Ao se analisar a juventude a partir de variáveis como gênero, classe social, etnia e outras, a análise da categoria se aproxima da ideia de Pais (1993) de que *a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais e políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo* (p. 29).

Retomando a discussão sobre a heterogeneidade das situações vivenciadas pelos jovens, Melucci (1992) apud Dayrell (2003) traz a ideia de juventudes, no plural, em virtude das diversidades de situações que compõem a condição juvenil, contrapondo a ideia de unidade que ainda permeia a juventude. Assim, ele argumenta que:

(...) os jovens constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes (p.4-5).

Assim, a palavra juventude no plural: juventudes ou grupos juvenis ratifica a ancoragem teórica dessa investigação na perspectiva da heterogeneidade juvenil, incorporando as diversidades sociais, isto é, jovens inseridos em situações concretas de suas múltiplas e plurais vivências. É importante registrar que inúmeros são os autores que fundamentam e compartilham da concepção exposta, sendo Sposito (2001/ 2003) e Carrano (2000) pesquisadores de grande relevância.

A condição juvenil se remete à forma como a sociedade construiu historicamente esse momento/etapa do ciclo da vida, em geral, marcada pela transição entre a infância e a idade adulta, e caracterizada pela presença das instituições de transição, principalmente a escola. A ideia de condição é aqui remetida ao estado em que um sujeito se encontra, diz respeito ao conjunto de situações relacionadas ao fato de ser jovem.

Traçando um perfil geral dos jovens estudantes que participaram da pesquisa, a partir dos dados de identificação dos questionários, verificamos que os resultados sobre idade; sexo; raça; renda; moradia; estado civil; filhos; trabalho; meio de transporte e situação financeira demonstram uma diversidade entre os jovens participantes. Na síntese sobre a categoria juventude, verificamos que o perfil geral dos jovens estudantes acadêmicos demonstrou que estão na faixa etária entre 18 e 29, há um quantitativo um pouco mais expressivo de mulheres, houve uma maioria de autodenominação da raça parda. O estado civil da maior parte é solteiro, sem filhos, cuja renda familiar está em torno de 1 a 2 salários mínimos. Em relação ao trabalho, há uma divisão, quase que equiparada, entre os que trabalham e os que não trabalham. Quanto a situação financeira, significativa parcela dos participantes tem seus gastos total/parcialmente custeados pela família ou contribuem com o sustento familiar. Mais da metade dos jovens estudantes mora com seus pais ou pelo menos um deles (pai ou mãe) e, a maior parte, depende de ônibus fornecido pelas prefeituras locais da região para sua locomoção até a Instituição de Ensino. Passaremos, agora, para uma análise, da condição estudantil.

Estamos compreendendo a condição estudantil como sendo o conjunto de forças materiais, práticas e significados culturais relacionados ao fato de ser estudante universitário (GAVIRIA, 2006; 2008). São alguns dos elementos/aspectos/indicadores importantes para apreensão e análise da condição estudantil: origem social - potencial indicador de diferenças (BOURDIEU; PASSERÓN, 1969), incluindo cidade de origem, renda familiar e per capita, ocupação e instrução dos pais ; ocupação do estudante; etapas da vida diz respeito à idade com elemento que demarca diferenças; usos do tempo; espaço universitário; relação com os estudos; ofício de estudante; custos com os estudos; relação com o meio estudantil e relações com o meio ambiente de estudo (PAIVANDI, 2014).

Socialmente construída, a ideia de estudante do Ensino Superior decorre dos processos de expansão da escolarização, conforme tratado na introdução deste trabalho. Os estudos de Coulon (2008), traz-nos importantes explicações sobre o ofício de estudante. Em sua clássica obra sobre o tema, intitulada A condição do estudante, o autor nos elucida que *a primeira tarefa que um estudante deve realizar quando ele chega à universidade é aprender o ofício de estudante (p. 31)*. Com mais detalhes:

Aprender o ofício de estudante significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto eliminar-se porque se continuou como um estrangeiro nesse mundo novo. A entrada na vida universitária é como uma passagem: é necessário passar do estatuto de aluno ao de estudante. Como toda passagem, ela necessita de uma iniciação. (COULON, 2008, p.31)

Na síntese sobre a categoria estudante acadêmico, ao resgatarmos informações sobre a escolaridade básica dos jovens participantes, detectamos que a maior parte frequentou os ensinos fundamental e médio na rede pública. São filhos e filhas de pais que, em sua maior parte, concluiu, apenas o ensino fundamental e cujas principais ocupações são aposentados/as, agricultores, domésticas e donas de casa. Dentre as principais dificuldades como estudantes acadêmicos, destacam-se as questões relativas ao aprendizado, atreladas à falta de base proveniente da educação básica. O pouco tempo para estudar também foi grandemente apontado. Dentre as situações mais marcantes, o âmbito dos relacionamentos, principalmente entre os pares, mereceu destaque.

2) As transformações nas dimensões dos jovens estudantes como sujeitos socioculturais:

Estamos compreendendo os jovens estudantes acadêmicos como sujeitos, o que recai na sua condição sociocultural, ou seja, o indivíduo, na interdependência com o meio social em que vive, constrói sua vivência de vida *num mundo que delimita potencialidades, circunstâncias e limitações* (VELHO, 1986, citado por TEIXEIRA, 1996, p.182). Os sujeitos socioculturais são, portanto, conforme Teixeira (1996):

Seres concretos e plurais. São pessoas vivas e reais, existindo a partir de sua corporeidade e lugar social, a partir de sua condição de mulheres, homens, negros, brancos. Pertencem a diferentes raças e etnias. São crianças, jovens ou de mais idade; adeptos de variadas crenças e costumes. Têm desejos, projetos e atribuem variadas significações às suas vivências e ao mundo (p. 185).

A compreensão do jovem estudante acadêmico como sujeito sociocultural nos conduz a considerarmos e pensarmos sobre as dimensões que constituem esses sujeitos. Assim embasados nos fundamentos teóricos, epistemológicos e procedimentos metodológicos da pesquisa, o processo de organização dos dados e análise/interpretação dos resultados, o foco nos objetivos, quatro categorias analíticas foram tomando forma e se apresentaram como sendo as mais predominantes para o estudo, uma vez que se tratam de dimensões que foram influenciando, fortemente, as condições juvenil e estudantil. São elas: a temporalidade; a linguagem; a espacialidade e a afetividade/sentimentos/emoções.

As dimensões elencadas para análise dos jovens estudantes como sujeitos socioculturais, bem como suas mudanças na condição juvenil e estudantil, encontram-se compiladas na tabela abaixo:

<u>TRANSFORMAÇÕES NAS DIMENSÕES DA CONDIÇÃO DE SER JOVEM ESTUDANTE</u>			
<u>TEMPORALIDADE</u>	<u>ESPACIALIDADE</u>	<u>RELACIONAMENTOS</u>	<u>LINGUAGENS</u>
<p>-Mudança na rotina, sobretudo afetando os estudantes que trabalham e estudam</p> <p>-Horas de sono e lazer são reduzidas</p> <p>-Menos convívio com família e amigos</p> <p>-Maior proximidade da vida adulta, uma vez que o ensino superior demarca, muitas das vezes a transição da juventude para a vida adulta</p>	<p>-Novos espaços passam a ser frequentados, sobretudo pois a vida acadêmica possibilita a participação em eventos científicos, espaços novos aos jovens</p> <p>-Ocupação de ambientes acadêmicos a partir das necessidades, como por exemplo, busca de espaços para realização de trabalhos em grupo</p> <p>-Apropriação de espaços no ambiente acadêmico para expressão das culturas juvenis (exemplo : tocar violão nos bancos do Campus)</p>	<p>-Novos grupos de amizades, os pares do mundo acadêmico</p> <p>-Afastamento de outros amigos que não sejam da graduação, amigos da infância, por exemplo</p> <p>-Relações afetivas marcantes, seja com os pares, seja com os docentes, os longos anos de graduação está permeado por relações muito significativas, sejam elas em situações boas como a formatura ou ruins como as reprovações</p>	<p>-Apropriação de nova linguagem (acadêmico-científica), a relação com o saber também se transforma</p> <p>-Uso intenso de redes sociais no cotidiano juvenil e estudantil, para as mais diversas atividades, desde conversas informais até organização de trabalhos acadêmicos</p> <p>-Articulação da linguagem juvenil e linguagem profissional, as culturas (juvenil e estudantil) se entremeiam</p>

As análises das dimensões e transformações que afetam os jovens estudantes sem suas travessias pelo Ensino Superior estão em processo de análise e aprofundamento, conforme o andamento da sistematização da tese. O que se tem percebido, e que é digno de nota, é que as quatro categorias em visibilidade: tempo, espaço, afeto e linguagem, encontram-se, por vezes, entremeadas entre si. Ao que estamos conseguindo observar, por exemplo, as possibilidades dos usos das redes sociais também imprimem novas formas de organizar o tempo quando, para citar, os jovens se organizam por essas vias de linguagens para o planejamento de um seminário a ser apresentado. A comunicação é facilitada e agilizada, proporcionando que trocas e partilhas para além dos encontros presenciais. Em que pese os prós e contras relativos a essa situação: organização de trabalhos pelas vias sociais, o que se observa é que os estudantes têm lançado “mão” dessas novas formas de linguagens, tão usuais no cotidiano juvenil em suas necessidades quanto às exigências do Ensino Superior.

Essa organização em prol de suprir e cumprir as demandas desse novo papel social que estão desempenhando, exigem desse jovem estudante reconfigurações em sua dimensão afetiva,

aqui entendida de forma ampla, como sendo ligado às situações que nos afetam, reclamando reconfigurações em nossas evoluções de âmbito afetivo. Ora, reorganizar os usos do tempo, a partir de novas exigências a cumprir, remodelando a rotina em prol dos estudos, implica em estabelecer, por exemplo, uma rede de relacionamentos, entre os pares/estudantes e com os docentes, o que impulsiona o sujeito a certo amadurecimento no âmbito da afetividade.

É preciso aprender a administrar melhor a rotina, exercitar habilidades, até então pouco demandadas ou de forma menos intensa. É preciso aprender a lidar com situações (tempos e espaços) que não eram rotineiras e que são pertinentes à vida acadêmica, como apresentar seminários com frequência. É preciso aprender a lidar com emoções como a frustração em se perceber como um estudante que era excelente no Ensino Médio e que, no Ensino Superior não vem alcançando esse patamar. Em meio a processos de mudança ainda não experimentados, é preciso aprender a lidar melhor com as próprias emoções, desenvolvendo habilidades como o autocontrole, a flexibilidade, é preciso lidar com os paradoxais sentimentos de medo e coragem; esperanças e inseguranças quanto ao futuro, dentre outros que permeiam o universo dos jovens estudantes na contemporaneidade, enfim, é preciso se reinventar, superar, superar-se, diante dos novos desafios!

Esses e outros fatores interferem, contundentemente, na dimensão afetiva desses jovens, o que nos conduz ratificar, como já apontado em outros estudos, que o Ensino Superior se configura como uma interessante demarcação na transição do jovem-jovem para o jovem-adulto, ou mesmo adulto. Nessa perspectiva, necessário se faz, voltar nossos ouvidos e olhares aos sujeitos que estão vivenciando esse trajeto. Carrano (2009) reforça que é necessário buscar *perceber como sente, pensa e age o jovem estudante em sua condição de sujeito cultural e político que participa, estrutura e sofre as determinações da vida universitária, trazendo para ela as disposições e orientações absorvidas em outros momentos de seu percurso pessoal e social* (p.).

CONCLUSÕES

A condição estudantil é uma das faces da condição juvenil e, ambas se interpenetram, sendo necessária a compreensão multifatorial voltada à condição do jovem estudante, tema desse estudo.

Este artigo, oriundo de investigação sobre a relação entre ser jovem e ser estudante acadêmico, apresentou um recorte que nos permitiu *conhecer, ainda que em linhas gerais, a condição juvenil e a condição estudantil acadêmica dos jovens estudantes participantes, em variados elementos/características* como: idade; sexo; etnia; moradia; estado civil; filhos;

vínculo de trabalho e relação com a graduação; renda; situação financeira; transporte; educação básica; escolaridade e ocupação dos pais; dificuldades no ES; relação família/estudos; situações marcantes na graduação. O que fica evidenciado é a diversidade que permeia as juventudes e a condição estudantil, ainda que se tenham aspectos de unidade, como serem estudantes da mesma instituição ou por estarem em uma determinada faixa de idade. A construção sócio-histórica-cultural é um dos fundamentos de explicação para a heterogeneidade das condições em foco.

Ao considerarmos os investigados como sujeitos socioculturais, também explicitamos quanto as principais dimensões que sofrem transformações ao longo da travessia pelo Ensino Superior, a saber: tempo, espaço, linguagem e temporalidade. Esses são fatores que afetam as condições juvenil e estudantil e que se encontram entremeados. Assim, mudanças na dimensão da linguagem poderão afetar outras dimensões, influenciando, portanto, nos sujeitos como um todo, em seus variados papéis, aqui em destaque, o de jovem estudante.

Por fim, vale lembrar, que os dados apontam que, ainda, é muito baixo o quantitativo de jovens em idade ideal a cursar o Ensino Superior e mesmo os que se encontram em curso, nem sempre obtém o êxito, sendo estudos como este, que buscam compreender as diversas nuances que permeiam o Ensino Superior, na visão dos próprios sujeitos, como potenciais instrumentos subsidiadores para o desenvolvimento de estratégias de apoio e acompanhamento tanto dos estudantes acadêmicos.

Este trabalho está aberto a questionamentos e variantes aprofundamentos e desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. In: **Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Volume 22, n. 2 – Florianópolis. Julho/dezembro 2004.

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da USP.

CARRANO, Paulo. Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPÓSITO, Marília. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação**

brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1 / Marília Pontes Sposito, coordenação. Belo Horizonte, MG : Argumentvm, 2009.

COULON, Alain. **A condição do estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

DAYRELL, Juarez T. **O jovem como sujeito social**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.24, pp. 40-52. ISSN 1413-2478. doi: 10.1590/S1413-24782003000300004.

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na Universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 116-140, jan./abr. 2014.

GAVIRIA, Luz Gabriela Arango. **Jóvenes en la Universidad: género, clase y identidad profesional**. Bogotá: Siglo Del Hombre Editores; Universidad Nacional de Colombia, 2006.

GAVIRIA, Luz Gabriela Arango. **Experiencia juvenil y condición estudiantil**. In: ISLAS, José Antonio Pérez; ZOZAYA, María Herlinda Suárez. Jóvenes universitarios em latinoamerica, hoy. México: Porrúa, 2008.

ISLAS, P. 2008. **Juventud: un concepto en disputa**. In: ISLAS, P. et al.(coords.). Teorías sobre la juventud. Las miradas de los clásicos. México: Porrúa, 2008 ([acesso fácil?](#))

MARGULIS, Mario e URRESTI Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. In: MARGULIS, Mario (editor), La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o meio ambiente de estudos. In: **Revista Educação em Questão**. Natal | RN, v. 48, n. 34, p.39-65, jan./abr. 2014.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. In: **Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 277-575, jul./dez. 2006.